

DEUS DOS ABISMOS

Duílio Gomes

O verão estala as cascas das cobras enrodilhadas nos desvãos escuros do jardim público. É um jardim oval, mal cuidado, juncado de ervas e margaridas anêmicas, com um pequeno quiosque de ferro no centro. Sentado no único banco do jardim, um velho cochila, alheio ao movimento que se instalara a alguns metros dele, no teatro da casa paroquial.

Mães e pais chegam carregando ou arrastando crianças pelas mãos e tomam assento nas cadeiras de palhinha dispostas diante do palco. O calor fermenta as guirlandas de flores trançadas no teto. Vozes, risos, cadeiras arrastadas e o som de um piano desafinado ecoam no teatro e trespassam as cortinas do palco. Por trás delas o pároco e as professoras dão as últimas instruções a um bando de crianças vestidas de branco que irão declamar ao som do piano da diretora do grupo escolar. Arrematam laços nos cabelos das meninas, limpam lágrimas em alguns rostos, separam meninos brigões enquanto pregam alfinetes em suas gravatas amarrotadas, recapitulam Olavo Bilac e Casimiro de Abreu e tropeçam nas paisagens pintadas — papelões justapostos com regatos, holandesas, pastores, pombas e estrelas se atropelando. Tudo zumbe, como uma colméia.

Ele pára o Ford amarelo na porta do teatro e ela desce com a menina. Ele arranca o carro, sem se despedir. Ela fica parada, segurando a garota pela mão enquanto uma nuvem de pó se arrasta com o Ford. Puxando a filha, ela entra no teatro, ainda sentindo a acidez da colônia dele, o seu hálito de conhaque e o

seu corpo balofo que a poltrona estreita do Ford obrigara ao contato. Ela se sentia tão constrangida durante o trajeto da casa ao teatro que, para disfarçar, viera se abanando com um exemplar de **Careta**.

Sempre puxando a pequena vestida de branco, ela atravessa o corredor entre as filas de cadeiras e sobe a rampa do palco. Chama uma professora, troca algumas palavras com ela, entrega-lhe a menina e desce a rampa. No corredor, enquanto caminha, procura não olhar para os lados, mantendo o rosto suspenso, meio encoberto pelo chapéu de feltro. Só quando chega ao passeio é que respira fundo e se sente relaxar. Mas suas mãos continuam tensas, apertando a bolsa. Permanece indecisa alguns segundos e por fim atravessa a rua de terra, varada de luz e pó.

Circula, com passos lentos, o jardim onde o velho agora dorme arreado no banco. Já não há mais ninguém em frente ao teatro e ela pára sob uma árvore, sentindo-se vazia e deprimida. Encosta-se no tronco, sob um cartaz do **Pó Graseoso de Mendel**, e fecha os olhos.

A sua volta o sábado arde em silêncio e o tempo é um pântano sem fundo. No fim da rua, entre os caibros de casas desmoronadas, escorpiões cintilam ao sol, palpitanes de veneno.

Então ela volta a abrir os olhos, escutando.

O tropeiro toca os dois burros que balançam cincerros, batendo com a mão espalmada em seus lombos. Caminham sem pressa, abatidos pelo calor.

Ela levanta um pouco a aba do chapéu e fita-os.

O tropeiro passa e lança-lhe um olhar, mistura de respeito e curiosidade.

Ele é magro, negro e alto. Sua camisa de linho, desabotoada, deixa ver um peito enovelado de músculos, coberto de suor, e um ventre fundo onde os pêlos descem entrançados rumo ao púbis.

Ela o acompanha e passa por ele.

Espera-o na última casa em ruínas.



Ele não percebe claramente o que está acontecendo, quando volta a passar por ela. Mas ela já está tirando o vestido de seda, trêmula e sem cor, enquanto lhe sussurra **vem cá, tropeiro**. Ele pára, olhando para ela, e os burros também param, abanando moscas com as orelhas. Ela fica nua, apenas de colar, e abre as coxas. O tropeiro, subitamente excitado, desesperadamente excitado, tira a roupa e trepa nela. Fazem amor aos arrancos, cheirando a estrebaria, entre carrapichos, vidros rachados, musgos e moscas. Próximos deles, entre trepadeiras e paredes corroídas pelo tempo, lagartos velhos — enrugados como passas — roem a luz do meio-dia. Ela se sente despencando por abismos escuros e range os dentes. Pede perdão a Deus e logo depois lhe agradece.

Nesse momento a sua filha entra no palco.

Está pálida e transpira.

Quando a diretora inicia uma valsa lenta ao piano, ela fala bem alto e de olhos cerrados — **A Um Carneiro Morto**, de Augusto dos Anjos. E então começa a declamar, abrindo os braços e escandindo os versos, **misericordiosíssimo carneiro esquartejado, a maldição de Pio Décimo caía em teu algóz sombrio e em todo aquele que for seu herdeiro!**; levantando o punhozinho fechado, **maldito seja o mercador vadio que te vender as carnes por dinheiro, pois tua lã aquece o mundo inteiro e guarda as carnes dos que estão com frio!** leva a mão ao pescoço, aperta-o e continua, **quando a faca rangeu no teu pescoço, ao monstro que espremeu teu sangue grosso;** mostrando os olhos com as mãos, **teus olhos, fontes de perdão, perdoaram!** Pausa dramática, conforme a professora ensinara. O piano tremula em oitavas e o público está atento, magnetizado. Ela fita as guirlandas no teto e levanta os braços, **oh! tu que no Perdão eu simbolizo, se fosses Deus, no Dia do Juízo, talvez perdoasses** — e caindo de joelhos, mas sem conseguir chorar, como lhe pedira a professora — **os que te mataram!** Enquanto o público se levanta e aplaude e grita **bravo** e senhoras enxugam olhos úmidos e o piano martela os acordes finais, ela também se levanta e a cortina desce. Está meio assustada com tudo aquilo e gostaria que a sua mãe estivesse ali por perto. Onde está minha mãe, ela pergunta à professora. Ela não demora, meu amor, a

professora responde, acrescentando — você declamou muito bem. **Merci**, ela balbucia educadamente, como a mãe lhe ensinara, indo sentar-se atrás de uma paisagem de papelão. Sente os olhos pesados e dorme.

Acorda com a sua mãe batendo de leve em seu ombro. Todos já tinham ido embora, somente algumas professoras ainda estavam por ali, limpando o palco. Ela pisca os olhos e pergunta à mãe onde ela estivera. A mulher beija-a na boca. Depois ajuda-a a levantar-se, enquanto fala vamos para casa, papai está esperando.